

Programa de extensão sentidos para atividades de leitura e escrita na escola: uma comunicação entre universidade e comunidades.

Jeice Campregher¹, Osmar de Souza²

¹ Faculdade de Letras – Universidade Regional de Blumenau (FURB)

² Mestrado em Educação – Universidade Regional de Blumenau (FURB)

jeice_jc@yahoo.com.br, osmar@furb.br

Resumo. *Este artigo objetiva refletir sobre a comunicação estabelecida entre comunidades de Blumenau e FURB – Fundação Universidade Regional de Blumenau – através do Programa de Extensão “Sentidos para atividades de leitura e escrita na escola”. O termo “comunicação” é utilizado, pois o programa se propõe a estabelecer uma via de mão dupla, ou seja, que sejam provocadas mudanças tanto na comunidade como na universidade. O Programa e os projetos vinculados a ele – (1) Ler e escrever histórias familiares e (2) Ler e escrever histórias de comunidades – estão em desenvolvimento em escolas públicas municipais e estaduais de Blumenau, Santa Catarina, desde o início de 2007, com duração até o final de 2008. A finalidade do Programa é permitir que alunos de quartas-séries leiam e escrevam textos sobre questões familiares e comunitárias, ou seja, traz como alternativa uma prática escolar que privilegia textos que pertençam ao universo sócio-cultural dos alunos. Um dos objetivos do Programa é contribuir na conscientização da relevância de um trabalho como esse. O meio para isso é a socialização das atividades desenvolvidas nos dois projetos, como dos objetivos e da teoria que os embasa. Os fundamentos teóricos que orientam o Programa têm como base outro similar, na Universidade do Minho, Uminho, em Braga, Portugal, em que alunos de camadas populares resgatam a história de seus nomes. Este artigo relatará como o Programa de extensão está sendo desenvolvido em Blumenau. E, ainda, serão apontadas algumas questões acerca da relevância do programa nas dimensões acadêmica, social e institucional.*

Palavras-chave: comunicação; universidade; comunidade

Abstract. *This article has the objective to reflect on the communication established between communities of Blumenau and FURB – Fundação Regional de Blumenau - through the Program of Extension "Meanings of reading and writing activities at school". The term "communication" is used because the program intends to establish a two-way road, in other words, that changes are provoked in the community and in the university. The Program and the projects linked to it - (1) to Read and to write family stories and (2) to Read and to write communities' stories - are being developed in municipal and state public schools of Blumenau, Santa Catarina, since the beginning of*

2007, lasting to the end of 2008. The purpose of the Program is to allow students of fourth grades to read and write texts about family and community subjects, in other words, it brings as alternative a school practice that privileges texts that belong the students' social and cultural world. One of the objectives of the Program is to contribute in the understanding of the relevance of a work like that. The way to achieve that is the socialization of the activities developed in the two projects, as well as the objectives and the theory that base them. The theoretical foundations that guide the Program has as base another similar program, at the University of Minho, Uminho, in Braga, Portugal, in which students lower social status research the history of their names. This article will report on how the extension Program is being developed in Blumenau. Furthermore, some subjects concerning the relevance of the program in the academic, social and institutional dimensions will be pointed out.

Key-words: communication; university; community

1. Introdução

Através deste artigo objetiva-se fazer uma breve reflexão sobre extensão universitária com base em autores como Botomé (1996) e Freire (1977). Também serão apresentados os objetivos e a metodologia de ação do Programa de Extensão “Sentidos para atividades de leitura e escrita na escola”. E, ainda, serão apontadas contribuições do programa nas dimensões acadêmica, social e institucional.

Segundo Botomé (1996, p. 36), “a extensão pode ser vista como uma parte do fazer humano que é realizado pela Universidade”. No entendimento de Freire (1977) e Botomé (1996), as atividades desenvolvidas pela extensão universitária devem envolver um processo de troca de informações e coordenação de atividades entre a universidade e os contextos extra-acadêmicos. Para os autores, o termo “extensão” deveria ser substituído pela expressão “comunicação com a sociedade”, o que pressupõe uma via de mão dupla, ou seja, que a interação possibilite transformações tanto nas comunidades externas quanto na comunidade acadêmica. Botomé acrescenta (1996, p.25):

constituir uma instituição é organizar pessoas em torno de um esforço coletivo de interesse do conjunto da sociedade. E isso é um contrato social firmado entre os que constituem a instituição e aqueles que a criam, aceitam, ou mantêm, em função do que é necessário e importante ser realizado pela instituição para o todo onde ela está inserida.

Para contextualizar esse “todo onde ela está inserida”, Machado (2008) descreve que a cidade de Blumenau:

foi, a princípio, idealizada como uma colônia particular com fins de assentamento de colonos imigrantes, vindos inicialmente da ainda não formada Alemanha a partir de 1850 [...]. A Colônia atraiu colonos para a produção em pequenas propriedades [...]. Somente em 1880, a Colônia teve autonomia, na medida em que se constituiu como Vila e, em 1883, como municipalidade (2008, p.14).

O contexto em que a FURB – Fundação Universidade Regional de Blumenau – está inserida é o que justifica as ações do Programa em questão. Atualmente, as marcas dessas culturas na cidade podem ser observadas mais facilmente em bairros mais afastados da área central. Nesses bairros estão localizadas as escolas mais antigas da cidade – às quais se deu prioridade, visto que o principal objetivo do Programa é permitir que alunos de quartas-séries leiam e escrevam textos sobre questões familiares e comunitárias – o que será relatado mais adiante.

O Programa de Extensão “Sentidos para atividades de leitura e escrita na escola” tem como base outro similar, na Universidade do Minho, Uminho, em Braga, Portugal, em que alunos, de camadas populares resgatam a história de seus nomes. O Programa desenvolvido em Blumenau é financiado pela FURB, através da bolsa fornecida à extensionista – acadêmica de Letras – e pagamento das horas do professor coordenador vinculado ao Departamento de Letras departamento de Educação pela PROPEX/DAEX (“Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão” e “Divisão de Apoio à Extensão”), com o apoio do Centro de Ciências da Educação. O Programa tem como público-alvo escolas municipais e estaduais da cidade, mais precisamente, alunos de quartas-séries do Ensino Fundamental – antes de vigorar a lei dos nove anos – e, indiretamente, os (as) professores (as) das turmas. Os projetos vinculados a ele – (1) *Ler e escrever histórias familiares* e (2) *Ler e escrever histórias de comunidades* – estão em desenvolvimento há quase dois anos e, até o primeiro semestre de 2008, seis unidades escolares foram contempladas com as ações do Programa.

Como foi brevemente pontuado, a principal finalidade do Programa é criar condições para que alunos de quartas-séries leiam e escrevam textos, mais precisamente sobre questões familiares e comunitárias. Esse objetivo vai ao encontro da afirmação de Geraldi (1997, p. 76):

é preciso que as aulas e as seqüências sejam capazes, por um lado, de considerar o saber do próprio aluno (porque ele é já falante da língua) e por outro lado criar as condições mais favoráveis para o exercício da língua (principalmente em sua modalidade escrita).

O Programa também objetiva devolver às escolas materiais produzidos pelos alunos e, também, os coletados, para que possam ser utilizados posteriormente; além disso, o Programa visa que os alunos redijam textos de acordo com o gênero do discurso específico. Entende-se “gênero do discurso” segundo a definição de Bakhtin (2003, p.262): “evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*”. Outro objetivo é socializar resultados e reflexões acerca da relevância do Programa ou ações similares. As socializações estão sendo feitas através da mídia – TV e rádio –, de participações em eventos – internos e externos – e congressos e, ainda, através de exposições em turmas de Letras da FURB.

2. Metodologia de inserção e de ação

Quanto à estratégia de inserção nas comunidades, após a escola ter sido selecionada, a Prefeitura entrou em contato com a direção para formalizar o desenvolvimento dos projetos. A seguir, a extensionista foi à escola para uma conversa com diretores, membros da direção e coordenação. Nesse momento houve uma conversa sobre os

objetivos dos projetos, a metodologia e, ainda, uma breve explicação sobre que é extensão universitária, pois se percebeu que o termo “extensão” não era conhecido.

Após conversa com a professor (a) da quarta-série selecionada, partiu-se para a inserção na sala de aula. No primeiro contato com as turmas de quartas-séries, os alunos responderam a um questionário, o qual possui sete perguntas, dentre elas, três dizem respeito aos dois projetos: (1) “Qual é o nome da rua onde você mora? Por que ela tem esse nome?” (2) “Você sabe um pouco da história de sua escola? Quantos anos ela tem? Por que ela tem esse nome? Conte o que souber.” e (3) “Você sabe como seus pais se conheceram? Se souber, conte a história.”. As duas primeiras questões referem-se ao projeto *Ler e escrever histórias de comunidades*, e a terceira, ao projeto *Ler e escrever histórias familiares*.

Quanto ao desenvolvimento do projeto *Ler e escrever histórias de comunidades*, após diagnosticar o quanto as crianças conhecem sobre suas escolas e ruas, elas são convidadas a ingressar no universo da pesquisa. Após uma semana, trazem outras informações, iniciando a produção do gênero relato-histórico. Elas lêem, todos comentam e entregam (a data de entrega não é rígida). Somente com a entrega de ao menos algumas produções, por mais simplificadas que sejam, é que acontece, a intervenção, ou seja, os materiais coletados são levados à sala de aula. Os materiais utilizados são selecionados pela extensionista no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, na cidade de Blumenau, na forma de publicações locais. Essas publicações revelam, de forma resumida, a biografia de quem a escola leva o nome, narram o histórico da escola, entre outros. Ao término da leitura dos materiais, os alunos têm espaço para comentar o que recebem. Eles fazem perguntas e comentam sobre o que chamou a atenção.

No projeto *Ler e escrever histórias familiares*, após diagnosticar, através do questionário, o quanto as crianças conhecem sobre as histórias familiares, exemplos são utilizados como forma de os alunos perceberem as particularidades do gênero. E, novamente, os alunos iniciam outra produção, havendo o prazo de uma semana para a entrega (o prazo não rígido).

Ao dar a oportunidade e incentivar as crianças a escreverem sobre esse tema, a escola passa a ver as crianças como sujeitos em formação, dotados de um histórico de vida, oportunizando, muitas vezes, a compreensão de dificuldades de aprendizagem. Como afirma Piaget (1954), afetividade é como o combustível para o desejo de aprender. A escola tem a oportunidade de ser, em muitos casos, o único interlocutor desses sujeitos e perde-a.

Durante todo o processo, os (as) professores (as) mantiveram-se em sala, fizeram perguntas e interagiram – com a extensionista, os alunos e com os materiais utilizados. Todos (as) os (as) professores (as), até o momento, deixaram à disposição da extensionista uma aula por semana, durante o período de, mais ou menos, três meses.

3. Resultados e contribuições

Quanto à apresentação de resultados alcançados pelo Programa “Sentidos para atividades de leitura e escrita na escola”, há alguns que são difíceis de serem

mensurados ou apresentados. Botomé cita que algumas contribuições próprias da natureza da Universidade são:

mais sutis para serem notadas ou detectadas na sociedade. Pouco atrativas, na medida que exigem esforços prolongados e processos e mudanças mais profundos e duradouros. E, mesmo, pouco vistosas, do ponto de vista de sua repercussão social e de seu “marketing político”. (1996, p.58)

O Programa em questão pode apresentar resultados quanto aos textos produzidos pelos alunos e, ainda, quanto à ampliação dos conhecimentos acerca das histórias familiares e comunitárias. Porém, a dificuldade está em mensurar o quanto o Programa foi eficiente ao provocar os (as) professores (as). Para tanto, seria necessário acompanhamento a longo prazo.

Através desse Programa de Extensão, não se tem a pretensão de ensinar os (as) professores (as) a trabalhar. Acredita-se que a imersão em um trabalho como esse pode provocar a necessidade de aprimoramento/atualização nesses (as) professores (as). Por exemplo: os gêneros relato-interpretativo e relato-histórico são trabalhados com as turmas, e os professores (as) observam isso. Muitas vezes esses (as) professores (as) têm formação anterior à inserção da noção de gênero na grade curricular – se é que foi inserida.

Na dimensão institucional, através das ações do Programa, a Universidade tem a possibilidade de conhecer quais materiais escritos estão circulando em sala de aula. Ela também é beneficiada no sentido de o Programa coletar dados empíricos sobre as comunidades, através dos textos. Num trabalho como esse, também se tem a percepção do quanto as comunidades valorizam suas próprias histórias de constituição. Histórias essas que, para perdurarem, precisam ser contadas. Se um povo ou comunidade se afasta de sua história, afasta-se das características que o (a) diferenciava dos (as) outros (as) povos/comunidades. Na própria cidade de Blumenau esse processo pode ser observado: bairros próximos ao centro pouco ou nada preservam as culturas alemã e italiana (sem contar a arquitetura). Nesse sentido, percebe-se que ações como essa servem como uma ponte entre a história empoeirada/guardada no Arquivo Histórico e o lugar de onde essa história adveio, ou melhor, e os que ainda estão imersos nos contextos em que a história se deu. Os textos trabalhados em sala de aula não se referem somente ao nome da escola, mas perpassam por várias questões locais: imigração, perseguição aos alemães durante a guerra, proibição do uso da língua alemã, enchentes, entre outros assuntos locais.

Na dimensão social, outro processo ocorre: não somente a aproximação dos alunos com os materiais escritos, como, também, com os textos orais. Isso se dá no período em que as crianças pesquisam sobre questões familiares e comunitárias. Elas entrevistam membros da família, moradores antigos da rua, entre outros. Dessa forma, há uma aproximação não somente com as histórias, mas também com os contadores de história. Geraldi (1997) pontua aspectos necessários à construção de qualquer texto, como: que se tenha o que dizer, que se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer, entre outros.

Além disso, transformar esses textos orais em escritos também é uma forma de desenvolver a competência lingüística – transformar um texto em 1.^a pessoa em 3.^a

pessoa; resumir; utilizar conectivos; adequação à linguagem formal; entre outras habilidades.

Além dos aspectos textuais, nos relatos dos alunos é possível perceber que “família”, atualmente, não se enquadra mais em um modelo ou padrão. Alguns fatos puderam ser observados com relação a vários alunos nas diversas turmas, tais como: pais que não querem, têm dificuldade ou evitam, apesar da insistência dos filhos, contar suas histórias familiares; alunos que dizem não querer que outras pessoas saibam sobre suas histórias familiares; alunos que mostram que, antes da pesquisa instigada pelo projeto, não faziam idéia da história familiar ou de constituição familiar – esses alunos costumam dizer “agora eu já sei como meus pais se conheceram” –; alunos que falam timidamente que não moram mais com os pais porque apanhavam ou por outros motivos; enfim, as percepções que a extensionista tem, muitas vezes, vão além do que pode ser lido nos textos das crianças, que se limitam a resumir o que sabem ou descobrem. Essas percepções são as contribuições que o Programa oferece na dimensão acadêmica. Muitas vezes o modelo familiar continua a ser idealizado, e os acadêmicos, posteriormente, acabam tendo um choque de realidade, pois o momento em sala nem sempre é um preparatório para o momento na comunidade.

4. Considerações finais

Como dito anteriormente, esse Programa se apóia na concepção de extensão como sendo uma “comunicação com a comunidade”. Muitas vezes a Universidade, através da extensão, pode cair na armadilha de querer ser a provedora do saber, abrindo-se pouco para transformar a si mesma nesse processo. Dessa forma, seus agentes podem ir a campo com capacidade limitada para perceber o quão pouco a Universidade conhece sobre a comunidade em que está inserida.

Após quase dois anos de desenvolvimento do Programa, fica evidente a dificuldade de conquistar participações voluntárias de acadêmicos. Essa dificuldade não é somente do Programa em questão, é da maioria dos Programas de extensão. Ampliar essa participação equivaleria a alcançar mais comunidades/escolas.

Percebeu-se a relevância de socializar as ações. Através da mídia e eventos internos e externos à Universidade, a comunidade, como um todo, também é convidada a refletir sobre os processos de apropriação da escrita e respondeu, até então, muito bem a isso. A socialização ainda torna acessível as compreensões alcançadas com base no que foi vivido na comunidade, lançando, ainda, novas problematizações.

5. Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOTOMÉ, S. P. **Pesquisa alienada, ensino alienante: o equívoco da extensão universitária**. Petrópolis: Vozes, 1996.

FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACHADO, R. **Entre o público e o privado**: gestão do espaço e dos indivíduos em Blumenau (1850 – 1920). Blumenau: Edifurb, 2008.

PIAGET, J. (1954) **Intelligence and affectivity**: their relationship during child development. Annual Reviews, Palo Alto-CA, (ed.USA, 1981).